

Recebido em: 28/11/2024

Aceito para publicação em: 26/11/2025

Joyce Cristina Demásio <sup>1</sup>

Nathália Santana da Silva <sup>2</sup>

Fátima Simone Silva Pereira Consoni <sup>3</sup>

## **TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: REFLEXÕES SOBRE A INCLUSÃO NO AMBIENTE ESCOLAR SOB O OLHAR DAS MÃES**

### **AUTISTIC SPECTRUM DISORDER: REFLECTIONS ON INCLUSION IN THE SCHOOL ENVIRONMENT FROM THE LOOK OF MOTHERS**

### **TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA: REFLEXIONES SOBRE LA INCLUSIÓN EN EL ÁMBITO ESCOLAR DESDE LA MIRADA DE LAS MADRES**

**RESUMO:** O transtorno do espectro autista (TEA), é caracterizado por inabilidades sociais e dificuldades comportamentais, apresentando sintomatologias que variam de acordo com o nível de comprometimento de cada sujeito, sendo presentes no espectro o nível leve, moderado e grave. Através dos estudos realizados, o TEA também apresenta desafios significativos para aqueles que atendem essa população, de acordo com as pesquisas, percebeu-se que o processo de inclusão oferecido pelas instituições escolares pode favorecer ou não o desenvolvimento e aprendizagem de pessoas com TEA, sendo necessária atenção especializada e disponibilidade de recursos para o atendimento. O estudo teve por objetivo compreender o processo de inclusão escolar às crianças e adolescentes com TEA sob o olhar das mães. Para o estudo utilizou-se a pesquisa bibliográfica através de base eletrônica para leitura de artigos científicos e livros físicos e posteriormente foi realizada a pesquisa de campo, por meio de questionário sobre o tema investigado, bem como houve supervisões para aprofundamento e discussão sobre o tema com a orientadora do trabalho. Por meio dos aspectos abordados neste estudo, pode-se compreender e discutir sobre questões acerca da singularidade da criança e adolescente com TEA; da necessidade de capacitação de profissionais da educação e da integração entre família, escola e demais profissionais como o psicólogo. Os resultados indicam a necessidade de promover políticas e práticas educativas inclusivas, práticas estas que devem garantir o direito a uma educação de qualidade para todas as crianças, independentemente das suas especializações ou diferenças.

<sup>1</sup> Graduação em Psicologia. Faculdades de Dracena – UNIFADRA, Dracena, São Paulo, Brasil.

<sup>2</sup> Graduação em Psicologia. Faculdades de Dracena – UNIFADRA, Dracena, São Paulo, Brasil.

<sup>3</sup> 3 Mestre em Psicologia. UNESP, Assis, São Paulo, Brasil. Docente do Departamento Psicologia, Faculdades de Dracena – UNIFADRA, Dracena, SP, Brasil. E-mail: fatima.consoni@docente.fundec.edu.br

**Palavras chaves:** TEA; inclusão; família; escola.

**ABSTRACT:** *Autism Spectrum Disorder (ASD) is characterized by social and behavioral difficulties, with symptoms that vary according to the level of impairment, ranging from mild to severe. Research shows that ASD presents significant challenges for those who work with this population. The inclusion process offered by educational institutions may or may not favor the development and learning of individuals with ASD, highlighting the need for specialized support and adequate resources. This study aimed to understand the process of school inclusion for children and adolescents with ASD from the perspective of their mothers. A bibliographic review was conducted using electronic databases and printed books, followed by field research through a questionnaire on the investigated topic. The study also included supervision meetings for further discussion and analysis with an academic advisor.*

*The findings allowed for a deeper understanding of the uniqueness of children and adolescents with ASD, the importance of training education professionals, and the need for collaboration among families, schools, and other professionals such as psychologists. The results emphasize the importance of promoting inclusive educational policies and practices that guarantee the right to quality education for all children, regardless of their specific needs or differences.*

**Keywords:** ASD; inclusion; family; school.

**RESUMEN:** *El trastorno del espectro autista (TEA) se caracteriza por deficiencias sociales y dificultades de conducta, presentando síntomas que varían según el nivel de deterioro de cada sujeto, estando presentes en el espectro niveles leves, moderados y graves. A través de los estudios realizados el TEA también presenta retos importantes para quienes atienden a esta población, según investigaciones vemos que el proceso de inclusión que ofrecen las instituciones escolares puede o no favorecer el desarrollo y aprendizaje de las personas con TEA, requiriendo atención y disponibilidad de recursos para la atención. El estudio tuvo como objetivo comprender el proceso de inclusión escolar de niños y adolescentes con TEA desde la perspectiva de las madres. Para el estudio se utilizó la investigación bibliográfica a través de una base de datos electrónica para la lectura de artículos científicos y libros financieros y posteriormente se realizó una investigación de campo, a través de un cuestionario sobre el tema investigado, así como se realizaron tutorías para el estudio en profundidad y discusión sobre la tema. con un asesor laboral. A través de los aspectos involucrados en este estudio, podemos comprender y discutir cuestiones sobre la singularidad de los niños y adolescentes con TEA; la necesidad de formación de profesionales de la educación y la integración entre familia, escuela y otros profesionales como los psicólogos. Los resultados indican la necesidad de promover políticas y prácticas educativas inclusivas, prácticas que deben garantizar el derecho a una educación de calidad para todos los niños, independientemente de sus especializaciones o diferencias.*

**Palabras Clave:** TEA; inclusión; familia; escuela.

## 1 INTRODUÇÃO

### TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

De acordo com o *DSM-V*, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) possui uma etiologia multifatorial, resultante da interação entre fatores genéticos e ambientais, sem que exista um único agente causal identificado. Os sintomas característicos do transtorno podem surgir ainda na primeira infância e tendem a persistir ao longo da vida. Além disso, indivíduos com TEA podem apresentar comorbidades associadas, como dificuldades de aprendizagem e de comunicação.

O TEA manifesta-se precocemente, com sintomas que variam em intensidade conforme o nível de comprometimento. Entre as características mais comuns destacam-se a dificuldade de manter contato visual, a limitação na imitação de comportamentos e a ausência de resposta a estímulos sociais, como sorrir diante de uma figura afetiva (Tomazelli *et al.*, 2023).

Segundo Whitman (2015), no livro *O Desenvolvimento do Autismo*, este transtorno do neurodesenvolvimento continua a desafiar a comunidade científica, pois, apesar de numerosos estudos sobre sua base neuropsicológica, sua etiologia permanece incerta. O autor ressalta ainda as divergências existentes quanto às abordagens educacionais e biomédicas mais adequadas no tratamento do autismo.

O diagnóstico do TEA envolve uma avaliação abrangente, que considera o histórico de desenvolvimento, os relatos familiares e escolares, e a observação dos comportamentos em diferentes contextos. Esses dados são analisados à luz de estudos, teorias do desenvolvimento e evidências da neurociência, permitindo identificar possíveis desvios em relação aos padrões esperados para a idade (Fernandes *et al.*, 2020).

A sintomatologia do TEA varia de acordo com o grau de gravidade e com a presença de comorbidades. Entre os sinais mais frequentes estão as dificuldades de socialização e a limitação nas interações interpessoais. Tais características podem afetar as habilidades sociais de crianças e adolescentes, dificultando a adaptação a

contextos que exigem o cumprimento de regras e normas sociais (Lazzarini & Elias, 2022).

O reconhecimento do autismo como um espectro e sua inclusão no campo da psiquiatria são relativamente recentes. Conforme relata Whitman (2015), desde o século XIX houve avanços significativos no entendimento dos transtornos da infância, especialmente quanto à influência dos fatores biológicos e ambientais e às abordagens terapêuticas disponíveis.

Por fim, a identificação precoce de sinais de risco e a realização de triagens na primeira infância são fundamentais. Almeida (2021), destaca que intervenções iniciadas precocemente favorecem o desenvolvimento cognitivo e da linguagem, aumentando as possibilidades de um prognóstico mais positivo.

## **TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E AS RELAÇÕES FAMILIARES**

No contexto familiar, a relevância da participação dos familiares na mediação do ambiente institucional de crianças e adolescentes com TEA, pode contribuir de forma significativa para a adaptação e desenvolvimento dos mesmos, criando novas possibilidades, recursos e diálogos com as instituições escolares (Cabral *et al.*, 2021).

De acordo com a lei N° 10.216, de abril de 2001, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas com transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental, é responsabilidade do Estado o desenvolvimento da Política de Saúde Mental, a assistência e a promoção de ações de saúde, com a devida participação da sociedade e da família, provendo acesso ao melhor tratamento oferecido pelo sistema (Lima *et al.*, 2023).

Segundo essas diretrizes, o objetivo em assegurar esses direitos possui como intuito proteger este público, que se encontra vulnerável às necessidades de atendimento especializado, inseridos em um contexto o qual muitas famílias desconhecem seus direitos devido à falta de informação e orientação, bem como devido à condição territorial em que estão inseridos (Lima *et al.*, 2023).

Considerando os aspectos mencionados, as dificuldades encontradas pelos familiares envolvem diversos fatores, sendo eles, econômicos, acessíveis, informativos e até mesmo territoriais, necessitando de apoio em suas rotinas, como a locomoção de suas residências para um determinado atendimento médico especializado (Lima *et al.*, 2023).

Embora as diversas possibilidades do livre acesso a informações e especializações relacionadas ao TEA, percebe-se que é papel dos familiares apresentarem recursos para adaptarem às crianças e adolescentes em determinados espaços, necessitando de meios de apoio que possam ser mediadores nesse processo de desenvolvimento (Vilanova *et al.*, 2022).

Neste sentido, estudos que acompanham o processo de desenvolvimento apontam que, intervenções precoces e adequadas realizadas com a participação da família, da escola e da sociedade, contribuem significativamente para a mudança de comportamentos disfuncionais, promovendo benefícios e recursos para as crianças e adolescentes com o transtorno do espectro autista (Cabral *et al.*, 2021).

Neste quesito, a família possui o papel de mediadora, favorecendo a aproximação dos sujeitos, desenvolvendo juntamente com os educadores estratégias para lidar com os desafios da aprendizagem, motivando o engajamento dos profissionais que fazem parte do contexto, tanto familiar quanto institucional e atuando por meio da comunicação e afetividade (Cabral *et al.*, 2021).

Entretanto, segundo Cabral *et al.* (2021), é comum que nesse cenário as dificuldades de comunicação entre as instituições e a família ocorram devido a cobrança e culpabilização, de um lado, institucional e do outro, familiar. Há uma responsabilização ora da família, ora somente da escola pelo desenvolvimento dos sujeitos e pelas dificuldades, não havendo articulação, cooperação e trabalho em equipe, dificultando assim a dinâmica dos estudantes e sua aprendizagem devido à falta de rotina e organização. Portanto, é fundamental o trabalho em conjunto de todos os atores que estão em contato e no convívio das pessoas com TEA.

Por meio desses aspectos, a participação ativa dos familiares, bem como do trabalho em equipe podem contribuir de forma positiva no processo de socialização das crianças e adolescentes com TEA, estimulando o engajamento dos sujeitos nas

atividades escolares com base nas áreas de seu interesse, utilizando de recursos motivadores e adaptados que tenham funcionalidade para suas rotinas (Camargo, 2020).

Vale destacar que a rede de apoio é de extrema importância para promover o bem-estar e qualidade de vida aos familiares, possibilitando recursos para o enfrentamento de adversidades ligadas às dificuldades vivenciadas pelos sujeitos, como manejar problemas sensoriais, problemas de sensibilidade e comportamentos disruptivos (Anjos; Moraes, 2021).

Neste sentido, a rede pode ser familiar e não familiar como amigos, vizinhos e profissionais, bem como as políticas públicas que disponibilizam programas de assistência às famílias. A equipe de saúde, em especial, pode fornecer aos familiares informações e encaminhamentos direcionados, levando em consideração a individualidade dos sujeitos e as necessidades específicas encontradas (Anjos; Moraes, 2021).

As famílias podem perceber dificuldades na obtenção de apoios formais e não formais, por se sentirem isoladas e atravessadas por estigmas, ou por haver poucos espaços de atenção integrada ao autismo, e pela dificuldade de acesso a esses lugares. Além do mais, os pais dependem boa parte de seu tempo e energia no cuidado com os filhos, o que pode reduzir as oportunidades para fortalecer a rede social mais próxima. E embora os pais encontrem cuidadores dentro da rede familiar com quem possam dividir a sobrecarga de cuidados, sentem-se também satisfeitos quando essa ajuda vem de alguém que não pertence ao grupo familiar, sendo que esta carência em encontrar bons cuidadores é um obstáculo enfrentado a nível comunitário por pais desempregados e que não podem pagar pelos serviços (Houser *et al.*, 2014, *apud* Anjos e Moraes, 2021).

Por meio desses aspectos, percebe-se que os familiares e pessoas que fazem parte do cotidiano dos sujeitos com TEA enfrentam diversas dificuldades, dentre elas, a distribuição de funções no cuidado diário daqueles que necessitam de maior suporte, tendo como maior participação a figura materna (Anjos; Moraes, 2021).

Mães e pais podem apresentar diferentes respostas a um diagnóstico de deficiência – por exemplo, tristeza, choque, negação, depressão, culpa, raiva, vergonha – mas também respostas de aceitação e adaptação. Assim, os pais enfrentam o desafio de ajustar planos e expectativas futuras, sendo a principal

dificuldade saber responder às limitações e necessidades do filho (Segeren; Françoze, 2014).

## **TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E A RELAÇÃO COM AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES**

A importância de crianças e adolescentes com algum tipo de deficiência serem inseridos no sistema educacional regular fica evidente por meio das políticas públicas, contribuindo assim para o cumprimento da cidadania, participação social e tendo o intuito de romper com preconceitos e isolamento. No Brasil, o surgimento da educação para pessoas com deficiência ocorreu no final do século XIX, sob a influência das ideias liberais, almejando a igualdade de todos e enfatizando a ideia de educação pública. No entanto, o ensino não atendia as necessidades da minoria, direcionando esta responsabilidade às instituições particulares da época (Secundino; Santos, 2023).

As condições de escolarização destinadas aos sujeitos com deficiência agregaram no ambiente escolar espaços prioritários para aprendizagem, como a disponibilização de salas de recursos multifuncionais, sendo este um espaço pedagógico para promover o Atendimento Educacional Especializado (AEE) aos estudantes (Rigo; Oliveira, 2021). Embora tenha havido mudanças no cenário educacional, o processo de inclusão necessita do desenvolvimento de estratégias constantes, possibilitando a participação ativa das pessoas com TEA, é necessário um processo de formação continuada aos profissionais no sentido de adaptar e oferecer ambiente amplo em estímulos e oportunidades aos estudantes (Secundino; Santos, 2023).

Por meio desses fatores relacionados ao TEA, o ambiente escolar pode ser considerado um local constituído de diversos estímulos, porém, muitas vezes carece de adaptações e estratégias que facilitem a aprendizagem e promovam o desenvolvimento de crianças e adolescentes com autismo. Cabe destacar que é fundamental levar em consideração as demandas educacionais, os materiais

pedagógicos e a interação de forma completa, contribuindo para a participação e permanência dos estudantes na instituição (Camargo *et al.*, 2020).

Dessa maneira, os estudos mostram que a falta de compreensão por parte dos cuidadores e educadores em relação a forma de entendimento e adesão aos conteúdos destinados às crianças e adolescentes com TEA no ambiente escolar, contribuem de forma significativa para o não desenvolvimento das crianças e adolescentes. Neste ínterim, os profissionais encontram dificuldades em manejar o comportamento dos estudantes, deixando de estimular os comportamentos adequados e funcionais que fazem parte de sua rotina (Camargo *et al.*, 2020).

## **2 OBJETIVOS**

O trabalho buscou compreender o processo de inclusão escolar referente às crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), observando as dificuldades encontradas no ambiente e na interação, bem como o relacionamento entre os educadores e familiares com relação ao processo de aprendizagem sob o olhar das mães das crianças e adolescentes com TEA.

## **3 METODOLOGIA**

Neste estudo foram utilizadas duas fontes de dados, sendo elas a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. No levantamento bibliográfico, desenvolveram-se pesquisas em bases eletrônicas de dados, artigos científicos e livros. Após esta pré-definição e mediante um plano provisório de trabalho, onde estão demarcadas as diretrizes que sustentaram a pesquisa, foram selecionados os documentos, que serviram de base para esta abordagem.

Com relação à pesquisa de Campo, as participantes – mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) – após aprovação do Comitê de Ética, foram contatadas e informadas sobre o estudo, os objetivos e procedimentos, assim como o local e horário do encontro com as pesquisadoras – o qual ocorreu em uma sala de aula da Faculdade de Psicologia do Município - para o conhecimento do questionário sobre o tema pesquisado.

A presente pesquisa, de abordagem qualitativa, foi realizada com duas participantes: mães de uma criança e de um adolescente diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A amostragem adotada foi por conveniência, em razão da participação social das referidas mães em projetos municipais voltados à temática do autismo.

A seleção das participantes seguiu critérios intencionais, sendo consideradas elegíveis aquelas que, após contato inicial das pesquisadoras com o projeto e adequada apresentação dos objetivos do estudo, manifestaram interesse e consentiram voluntariamente em participar da pesquisa.

A pesquisa foi encaminhada para aprovação do Comitê de Ética justamente por se tratar da realização de estudos com pessoas e instituições, aprovada obtendo o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) como código: 70806523.6.0000.5401, sendo assim colocada em prática seguindo todas as etapas relatadas, respeitando a ética, o sigilo e a subjetividade de cada indivíduo.

Para o referido estudo, houve a solicitação de autorização para a faculdade a fim de colocar em prática a pesquisa naquele ambiente, fazendo com que a coleta de dados se realizasse dentro da sala de aula nas dependências do setor do curso de Psicologia, na Unifadra, propiciando assim um conforto, privacidade e sigilo com relação aos participantes. Vale destacar que a duração para explicação sobre a pesquisa e aplicação do questionário aos participantes teve duração de 2 horas, momentos ao qual foram oferecidos os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido para assinatura.

As participantes foram informadas que seria garantido o seu anonimato em todos os momentos da pesquisa, preservando todos os dados, assim como os desconfortos, riscos, benefícios que o questionário pode causar e sobre a devolutiva que ocorreu ao final da pesquisa.

Os dados foram interpretados a partir da hermenêutica, filosofia que estuda a interpretação, principalmente de textos escritos, no caso do presente trabalho. Para Sichelero (2019), a hermenêutica significa trazer à mensagem a interpretação, como o próprio movimento do interpretar.

A hermenêutica refere-se a uma ferramenta que possibilita a interpretação de estudos qualitativos que está em um lugar subjetivo. Compreende um campo com diversos objetivos e posições filosóficas, assim como diferentes métodos de interpretação de textos inspirados em diversos teóricos.

Assim, considerando o propósito deste trabalho e a metodologia aqui delineada foi possível trazer novos entendimentos para as dificuldades enfrentadas pela população no que diz respeito à temática estudada.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

No trabalho realizado com as mães, que também são educadoras da rede de ensino, as principais questões identificadas neste estudo sobre as experiências vivenciadas por pais e professores de crianças e adolescentes com TEA, em relação ao processo de inclusão, apontam que o trabalho conjunto é essencial para compreender e atender às necessidades específicas de cada sujeito.

Nesse contexto, a rede de apoio, segundo Anjos e Moraes (2021), é fundamental para orientar os familiares no desenvolvimento de estratégias eficazes de enfrentamento das adversidades, sejam elas familiares ou não familiares.

No que diz respeito à participação familiar, Cabral (2021) ressalta que o esclarecimento de dúvidas e a comunicação direta com a escola sobre o processo de adaptação e participação das crianças e adolescentes com TEA são fatores importantes para a tranquilidade dos pais ao deixarem seus filhos na escola.

A rede de apoio não familiar, segundo Anjos e Moraes (2021), é representada pela comunidade em que a família está inserida, composta por amigos, vizinhos, escolas, grupos religiosos, equipes de saúde e políticas públicas responsáveis por fundamentar programas de assistência voltados a esse público.

De acordo com Soares (2023), a troca de experiências científicas e cotidianas relacionadas ao TEA pode ser continuamente construída, transformada e enriquecida por meio das relações sociais, sendo a família responsável por mediar essas ações.

As experiências vivenciadas pelos familiares de crianças e adolescentes com TEA são subjetivas. Contudo, por meio das entrevistas com as mães, foi possível

identificar semelhanças e comparações entre o desempenho de seus filhos nos contextos escolar e social, muitas vezes compreendidos pela sociedade como iguais:

“[...] que não julguem um autista com o que ouviu falar de outro, ou com o que conhece de outro, pois eles são únicos e com dificuldades distintas”. (Mãe A)

“[...] cada autista é único. Não se pode comparar ou achar que, porque é autista, é superdotado [...] É preciso mais informação sobre o tema”. (Mãe B)

Outra semelhança identificada nas falas das mães refere-se à generalização das sintomatologias que caracterizam o TEA, como o comportamento e o desempenho em atividades, desconsiderando o sujeito em sua individualidade, com suas potencialidades e preferências próprias.

O papel social das famílias — em especial das mães de pessoas com TEA —, segundo Soares (2023), consiste em produzir e promover conhecimento sobre o tema, contribuindo de forma significativa para a sociedade, bem como para a garantia de direitos e reconhecimento das pessoas com TEA.

O ato de incluir um aluno com deficiência em uma escola regular não deve ocorrer de forma forçada ou indesejada. Conforme Weizenmann (2020), a inclusão deve ser uma prática voltada à valorização da diversidade e dos direitos humanos, tratando-se de um processo que envolve toda a comunidade, as famílias e as instituições.

De acordo com Alves e Rocha (2023), algumas estratégias eficazes incluem a promoção de práticas inclusivas nas escolas, a realização de atividades que envolvam todos os alunos, a parceria entre escola e família e a implementação de espaços físicos adequados para atender às necessidades de crianças e adolescentes com TEA.

Segundo uma das participantes do estudo, deve-se:

“[...] incentivar as atividades em grupo, mas respeitando o tempo de cada autista, pois forçar a participação pode até ser prejudicial”. (Mãe A)

Durante as entrevistas, também foi abordada a percepção das mães sobre se a inclusão no contexto escolar é uma realidade vivenciada ou um ideal a ser alcançado. Os relatos a seguir expressam claramente suas percepções:

“[...] é um ideal, porém, como mãe de uma autista de vinte anos, percebo que vem melhorando dia a dia. As leis estão avançando, as instituições de ensino estão exigindo mais cursos de capacitação dos profissionais e a sociedade começa a perceber a importância de compreender melhor o autismo. No entanto, observo que alguns profissionais ainda possuem um conhecimento superficial”. (Mãe A)

“[...] ideal — na rede municipal, professores e auxiliares/cuidadores sem capacitação, reforçando muitas vezes comportamentos inadequados na criança por não saber lidar com a situação”. (Mãe B)

A partir desses aspectos e dos conteúdos das entrevistas descritos, compreende-se que é necessário refletir e discutir questões relativas à singularidade das crianças e adolescentes com TEA, à capacitação dos profissionais da educação e à integração entre família, escola e outros profissionais, como psicólogos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidenciou que o processo de inclusão de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar depende essencialmente da articulação entre família, escola e comunidade. As falas das mães entrevistadas revelaram que, apesar dos avanços na legislação e na conscientização social, ainda persistem desafios significativos relacionados à falta de capacitação dos profissionais da educação e à generalização das características do autismo.

As participantes destacaram a importância de compreender a singularidade de cada indivíduo com TEA, reconhecendo suas potencialidades e respeitando seus limites. Observou-se também que a rede de apoio — tanto familiar quanto comunitária — exerce papel central na construção de estratégias de enfrentamento e na promoção de um ambiente inclusivo e acolhedor.

O estudo reforça que a inclusão escolar deve ser vista não como uma obrigação formal, mas como um compromisso ético e humano, fundamentado na valorização da diversidade e no respeito às diferenças. Para que isso se concretize, é indispensável investir em formação continuada dos profissionais da educação, ampliar as políticas públicas voltadas à inclusão e fortalecer a parceria entre família, escola e sociedade.

Portanto, a verdadeira inclusão de pessoas com TEA ultrapassa o espaço escolar e se estende ao campo social, exigindo sensibilidade, conhecimento e ações integradas que garantam à educação de qualidade e à plena participação de todos.

Os resultados deste estudo reforçam a necessidade de implementação de políticas e práticas educativas inclusivas que garantam o direito a uma educação de qualidade para todas as crianças e adolescentes, independentemente de suas especificidades ou diferenças.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernanda Saraiva *et al.* Avaliação de aspectos emocionais e comportamentais de crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Aletheia**, Canoas, v. 54, n. 1, p. 85-95, jun. 2021.

ALVES, Leila Curcino; ROCHA, Rícael Spirandeli. A importância da inclusão escolar na vida de crianças com espectro autismo: uma revisão sistemática da literatura. In: OLIVEIRA, Habyhabanne Maia (Org.). **Estudos e Tendências da Educação do Século XXI**. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 1-18.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed.** Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANJOS, Brenna Braga; MORAIS, Normanda Araújo. As experiências de famílias com filhos autistas: uma revisão integrativa da literatura. **Ciências Psicológicas**, v. 15, n. 1, 2021.

BRASIL. **Lei nº 10.216**, de 06 de abril de 2001. Brasília: Diário Oficial da União, 2001.

CABRAL, Cristiane Soares; FALCKE, Denise; MARIN, Angela Helena. Relação Família-Escola-Criança com Transtorno do Espectro Autista: percepção de pais e professoras. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 27, p. e 0156, 2021.

CAMARGO, Sígilia Pimentel Höher *et al.* Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. **Educação em Revista**, v. 36, p. e214220, 2020.

FERNANDES, Conceição Santos; TOMAZELLI, Jeane; GIRIANELLI, Vania Reis. Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas. **Psicologia USP**, v. 31, p. e 200027, 2020.

LAZZARINI, Fernanda Squassoni; ELIAS, Nassim Chamel. História Social e Autismo: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 28, e 0017, 2022.

LIMA, Israel Coutinho Sampaio; SAMPAIO, José Jackson Coelho; SOUZA, Karlla Christine Araújo. A complexidade do trabalho precário na Atenção Psicossocial Territorial: reflexão crítica sobre o contexto brasileiro. **Saúde em Debate**, v. 47, n. 136, p. 215-226, jan. 2023.

RIGO, Neusete Machado; OLIVEIRA, Morgana Maciel de. Inclusão escolar: efeitos do Plano Nacional de Educação nos planos municipais. **Cadernos de Pesquisa**, v. 51, p. e 07304, 2021.

SECUNDINO, Francisco Karyvaldo Magalhães; SANTOS, João Otacílio Libardoni dos. Educação especial no Brasil: um recorte histórico-bibliográfico. **SciELO Preprints**, 2023.

SEGEREN, Letícia; FRANÇOZO, Maria de Fátima de Campos. As vivências de mães de jovens autistas. **Psicologia em Estudo**, v. 19, n. 1, p. 39-46, jan. 2014.

SICHELERO, Junior Jonas. Linguagem, hermenêutica e educação. **Revista Brasileira de Educação** [online], v. 24, 2019. Epub 25 abr. 2019. Acesso em: 25 mar. 2023. ISSN 1809-449X.

SOARES, Mirelly *et al.* Participação parental na divulgação científica sobre transtorno do espectro autista (TEA). **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 29, p. e 0125, 2023.

TOMAZELLI, Jeane; GIRIANELLI, Vania Reis; FERNANDES, Conceição Santos. Incidência de transtorno global do desenvolvimento em crianças: características e análise a partir dos CAPSi. **Psicologia USP**, v. 34, p. e 210002, 2023.

VILANOVA, Jakelinne Reis Sousa *et al.* Burden of mothers of children diagnosed with autism spectrum disorder: mixed method study. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 43, p. e20210077, 2022.

WEIZENMANN, Luana Stela; PEZZI, Fernanda Aparecida Szareski; ZANON, Regina Basso. Inclusão escolar e autismo: sentimentos e práticas docentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 24, p. e217841, 2020.

WHITMAN, Thomas L. **O desenvolvimento do autismo**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2015.